



# A Santa Sé

---

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II  
AOS BISPOS DA FRANÇA (REGIÃO SUDOESTE)  
POR OCASIÃO DA VISITA "AD LIMINA APOSTOLORUM"**

*25 de Janeiro de 1997*

*Senhor Cardeal*

*Estimados Irmãos no Episcopado!*

1. No decurso da vossa peregrinação aos túmulos dos Apóstolos, aprez-me acolher-vos, a vós que sois os Pastores das dez dioceses da Região apostólica do Sudoeste da França. Convosco, invoco Pedro e Paulo, colunas da Igreja. Que o primeiro dos Apóstolos e o Apóstolo das gentes vos obtenham levar a bom termo o vosso ministério pastoral, com a luz e a força que são dadas pelo Espírito do Senhor.

Agradeço ao Cardeal Pierre Eyt, Arcebispo de Bordéus e Presidente da vossa Região apostólica, as suas reflexões esclarecedoras sobre a situação da Igreja nas vossas dioceses. As dificuldades e as limitações que experimentais são postas em evidência, mas pode-se também dar graças pelas inúmeras manifestações do dinamismo muito concreto das vossas comunidades.

2. Neste momento, muitas dioceses são levadas a reorganizar-se, e sobretudo a reagrupar ou a remodelar as suas estruturas territoriais. Com efeito, mudanças importantes verificaram-se e continuam a ser realizadas no povoamento e na actividade económica. As maneiras de viver modificam-se. É preciso também notar uma maior mobilidade das pessoas, cujos centros de interesse e cuja cultura evoluem. A fisionomia da sociedade muda de modo muito sensível.

Para a Igreja, os factos mais evidentes são a diminuição do número dos sacerdotes e, muitas vezes, a diminuição do número dos praticantes. As causas destas evoluções inquietantes são complexas, e não se pode ignorar a influência das transformações da sociedade sobre a prática dos fiéis e das comunidades cristãs, desde há muito tempo implantadas nestas terras; assim, as modificações institucionais estão longe de ser levadas avante unicamente pelas evoluções dos efectivos do clero. Costumes e hábitos respeitáveis, hoje abandonados, podem ser lamentados por alguns, mas não se trata de cultivar a memória nostálgica de um passado aliás por vezes idealizado, nem de censurar ninguém. Nos relatórios quinquenais, as vossas análises mostram que estais conscientes da situação e sois activos em continuar a construir condições novas.

Verificaram-se também mudanças, de maneira positiva, no comportamento dos católicos. Tomastes conhecimento de percursos espirituais, de conversões, de empenhos no âmbito da Igreja, que manifestam uma rica renovação qualitativa da fé e da acção cristã. É uma verdadeira fonte de esperança que um número considerável de leigos esteja disponível para desempenhar um papel mais activo e mais diversificado na vida eclesial, e que faça o possível por se formarem com seriedade para essa finalidade.

Neste contexto, a vossa missão essencial de Pastores impele-vos a renovar a organização das comunidades. Mostrastes que as evoluções são conduzidas graças a amplas consultas, que não se referem apenas às condições práticas dos reagrupamentos de paróquias ou da criação de unidades pastorais novas. Trata-se, para os sacerdotes e os fiéis, de determinarem as condições em que a Boa Nova possa ser anunciada e o Povo de Deus guiado e congregado pela presença sacramental de Cristo. Os sínodos diocesanos têm muitas vezes sido o quadro duma maturação marcante dos baptizados, descobrindo melhor as suas inalienáveis responsabilidades e a sua complementaridade na vida eclesial. Em função das situações actuais e das estruturas renovadas, que sois levados a estabelecer, desejo simplesmente partilhar convosco algumas reflexões sobre a vida dos conjuntos pastorais. A minha intenção é encorajar-vos, com o clero e os fiéis das dioceses do vosso país, a fundar cada vez melhor, sobre a rocha de Cristo e na comunhão de toda a Igreja, o cumprimento quotidiano da missão comum.

3. As forças vivas de muitas das vossas dioceses, pondo em prática as mudanças que acabo de evocar, têm compreendido bem a importância da implantação territorial da Igreja: numa boa coordenação com os outros conjuntos pastorais, é essencialmente a paróquia que faz existir de maneira concreta a Igreja, de forma que ela esteja aberta a todos. Qualquer que seja a sua dimensão, ela não é uma simples associação. Ela deve ser um lar onde se reúnem os membros do Corpo de Cristo, abertos ao encontro de Deus, Pai repleto de amor e Salvador em seu Filho, incorporados pelo Espírito Santo na Igreja, no momento do seu baptismo, e dispostos, no amor fraterno, ao acolhimento dos seus irmãos e irmãs, quaisquer que sejam as suas condições ou origens.

A instituição paroquial está destinada a assegurar as grandes funções da Igreja: a oração comum e a leitura da Palavra de Deus, as celebrações e sobretudo a da Eucaristia, a catequese das crianças e o catecumenato dos adultos, a formação contínua dos fiéis, a comunicação apropriada para fazer conhecer a mensagem cristã, os serviços caritativos e de solidariedade, a actividade local dos movimentos. Em resumo, à imagem do santuário que lhe é o sinal visível, um edifício que devemos construir juntos, um corpo a fazer viver e crescer juntos, uma comunidade onde se recebem os dons de Deus e na qual os baptizados dão generosamente a sua resposta de fé, de esperança e de amor aos apelos evangélicos. Neste tempo em que as estruturas pastorais são levadas a renovar-se, será bom retomar em profundidade o ensinamento eclesiológico do Concílio Vaticano II, na constituição *Lumen gentium* sobre a Igreja, e nos diversos documentos de orientações concernentes sobretudo aos sacerdotes e aos leigos.

Parece-me que o cuidado que preside às reorganizações que se tornaram necessárias, é permitir que a paróquia exerça efectivamente as funções que acabo de recordar. Convém, então, que ela não seja muito pequena e que esteja também, na medida do possível, próxima dos fiéis praticantes e de todos os seus irmãos. Mesmo quando um conjunto novo reúne os membros da Igreja de muitas localidades, é preciso fazer o máximo para salvaguardar o património histórico, material e também humano, fazendo tudo o que for possível para que os cristãos tenham o apoio espiritual necessário, ou ainda, para que os santuários permaneçam lugares de oração frequentados e os costumes de devoção

popular não caiam no esquecimento.

4. Uma questão primordial é evidentemente a dos responsáveis. Para guiar e animar as unidades pastorais, impõe-se, e deve ser desenvolvida, a colaboração dos sacerdotes e dos leigos. Ao redor do pastor, os conselhos pastorais, as equipas de animação e os suplentes pastorais desempenham um papel indispensável. Eles permitem sobretudo articular, do melhor modo possível, os diversos graus da vida eclesial: a comunidade local por vezes pequena, mas que é um suplente vivo e activo, a própria paróquia, depois o sector ou a zona pastoral mais ampla, e por fim toda a diocese. É importante cuidar de que os intercâmbios sejam alimentados nos dois sentidos: que os responsáveis ouçam os apelos que vêm da base, e que todos sejam agregados pelas orientações dadas por estes mesmos responsáveis, a começar pelas do Bispo.

Tudo isto supõe que os sacerdotes e os leigos coordenem de modo claro, sem confusão, aquilo que depende do sacerdócio ministerial e do sacerdócio universal, segundo o ensinamento do Concílio na constituição sobre a Igreja, assim como resaltei em Reims (*Discurso na catedral*, n. 4). Os fiéis leigos que exercem cargos eclesiais, saibam que não substituem o sacerdote, mas que cooperam numa obra comum, a da Igreja inteira.

Um dos primeiros cuidados dos pastores e dos fiéis que têm responsabilidades, é promover a unidade harmoniosa da comunidade. É esta uma condição essencial para que a Igreja local seja um sinal transparente da presença de Cristo, tanto em relação aos baptizados que não participam na sua vida quotidiana, como ao conjunto da sociedade. Entre os cristãos, as diversidades são grandes, de ambientes sociais, de culturas ou de centros de interesse, e de igual modo de carismas. A vocação dos paroquianos consiste precisamente em permitir que cada um se exprima e entre na unidade do corpo formado por membros diferentes, mas complementares. Não cessemos de meditar as lições de São Paulo a respeito disso (cf. 1 *Cor.* 12).

Em particular, não se deve renunciar a que a comunidade eclesial seja um lugar de encontro das gerações, apesar das distâncias muitas vezes constatadas. Sem esperar de modo passivo, os adultos devem conservar o contacto com os jovens, saber acolhê-los, escutar as suas exigências, compreender as suas dificuldades e as suas inquietudes quanto ao futuro, dar-lhes um lugar de pleno direito e associá-los nas responsabilidades. Os sínodos diocesanos tiveram muitas vezes essa preocupação; convém fazer o máximo para permitir que os jovens prossigam a sua formação cristã entre si, como com frequência desejam, mas também para os ajudar a integrar-se no mundo dos adultos, ao qual eles têm muito a oferecer. Retornarei a falar sobre a pastoral dos jovens, mas devo ressaltar desde agora que é preciso permanecer atentos, a fim de não a isolar do conjunto da vida pastoral.

5. A vitalidade da comunidade eclesial mostra-se na sua fidelidade à missão confiada pelo Senhor aos seus discípulos: a evangelização. Somos depositários e portadores da Boa Nova. Sob todas as suas formas, o apostolado consiste, antes de mais, em transmitir e propor a Palavra da salvação e o conhecimento do Verbo que é Caminho, Verdade e Vida. Só a Palavra de Deus pode iluminar verdadeiramente o caminho de cada um, dar um sentido pleno à vida familiar, à actividade profissional e às mil tarefas da vida social e dar esperança.

A Palavra que aclamamos na liturgia, e pela qual damos glória a Deus, dirige-se directamente aos fiéis presentes. A comunidade reunida deve, ela mesma, ser evangelizada sem cessar: cada fiel tem sempre necessidade de se deixar

interpelar por Cristo, de se converter à escuta da Palavra que comporta grandes exigências, mas que é também um dom inestimável, pois é o anúncio da salvação, da reconciliação, da vitória da vida sobre a morte.

Disponibilizar as crianças e os jovens para o acolhimento da Palavra de vida, constitui uma missão capital de evangelização para as comunidades. «O que ouvimos, [...] o que contemplamos e as nossas mãos apalparam acerca do Verbo da vida» (1 Jo. 1, 1), devemos anunciá-lo de geração em geração. O despertar para a fé dos pequeninos, a catequese e a iniciação cristã devem mobilizar o máximo de devotamento de pessoas que aceitam consagrar-se a isto e adquirir competências, contudo, sem que os outros paroquianos se desinteressem daquela que continua a ser uma missão de todos.

Os católicos, porventura, não se deveriam interrogar sobre o que fazem para propor a mensagem de Cristo àqueles que, só ocasionalmente, vêm à igreja, e aos baptizados que se esquecem da graça recebida na sua infância? Que estes encontrem junto daqueles testemunhas convictas, acolhedoras, respeitadas do itinerário de cada um, mas prontas a dar a razão da esperança que está neles (cf. 1 Ped. 3, 15)! É uma felicidade crer e é preciso saber compartilhá-la.

E se se é penetrado pela graça da fé, vivificada pela esperança e animada pela caridade, nenhum aspecto feliz ou infeliz da vida do bairro ou da cidade pode passar insensível. Então, a evangelização tomará formas diversas na solidariedade social, na vida familiar, no trabalho, nas relações de vizinhança. Uma testemunha isolada conhece os seus limites, mas testemunhas estimuladas pela comunidade saberão partilhar melhor «a esperança, que não nos deixa confundidos porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo, que nos foi concedido» (Rom. 5, 5).

No âmbito das paróquias ou dos sectores pastorais, recordo-o brevemente, os movimentos e associações de fiéis oferecem um precioso estímulo à missão, permanecendo atentos a uma boa coordenação e integração no conjunto. Eles ajudam a nutrir a vida espiritual, a formar os jovens, a partilhar a solicitude apostólica nos diferentes ambientes de vida, a tornar eficazes e contínuos o acolhimento e o serviço dos mais desprotegidos (cf. *Apostolicam actuositatem*, 24; Exort.

*Christifideles laici*, 30).

Também hoje, quereria encorajar os fiéis das vossas dioceses a renovar os seus empenhos na evangelização, pessoalmente, em família e nos grupos constituídos. Eles serão felizmente estimulados pela «Carta aos católicos da França», recentemente adoptada pela vossa Conferência Episcopal.

6. Tendo abordado a questão da animação responsável das comunidades pelos sacerdotes e os leigos, e a das missões de evangelização, convém agora evocar brevemente o centro da vida eclesial: pois a paróquia é o lugar principal da celebração dos sacramentos e, em particular, da Eucaristia, fonte da santificação de todos os estados de vida. A vocação duma paróquia não pode ser definida senão em função da estrutura sacramental da Igreja. É nela que nos é visivelmente

manifestada a presença de Cristo no mistério pascal. Na Missa, convergem as oferendas de todos, as dos momentos felizes e dos sofrimentos, dos esforços do apostolado, dos serviços fraternos de toda a espécie. O Senhor associa ao Seu próprio sacrifício os de todos os Seus irmãos. Ele nos reúne no seu Espírito Santo, confirma a fé e a caridade, escuta a nossa súplica para pedir ao Pai que conceda ao mundo inteiro a reconciliação, a salvação e a paz, une-nos com os Santos de todos os tempos na expectativa da comunhão plena no seu Reino.

É verdade que muitos fiéis sofrem pelo facto de a Missa já não poder ser celebrada perto deles e com a frequência de outrora; os sacerdotes são menos numerosos e estão mais distantes. Nada é mais importante do que dar o seu pleno valor à Eucaristia. Uma comunidade empobrece-se se não encontra com fervor este vínculo vital com o Senhor, fonte de toda a vida cristã e de todo o apostolado. A assembleia eucarística é o lugar onde esta realidade fundamental da fé se reconhece de maneira tangível.

Nenhum esforço deve ser poupado para que se tornem acessíveis, em todas as etapas da existência, os maiores dons que são os sacramentos. A vida cristã tem início com a graça santificante do baptismo; a entrada dos jovens na maturidade cristã é afirmada pela confirmação; a constituição do casal e a fundação da família são consagradas pela participação na Aliança no matrimónio; para enfrentar o mal e o pecado, a graça do perdão e da reconciliação é concedida e significada explicitamente pelo sacramento da penitência; o sofrimento é unido à Cruz no sacramento dos enfermos. No centro da missão das comunidades cristãs, a preparação para os sacramentos é evidentemente primordial.

Sem dúvida, uma consciência mais viva dos dons confiados pelo Senhor à sua Igreja convidará a valorizar as vocações ao ministério sacerdotal, para que a palavra de Deus seja dada, Cristo se torne sacramentalmente presente e o povo de Deus seja guiado. Que as vossas comunidades pastorais não cessem de suplicar ao Senhor que chame jovens a consagrarem-se inteiramente, a fim de O servirem junto dos seus irmãos!

7. É verdade que a amplitude da missão pode parecer superar as possibilidades de comunidades que têm consciência dos seus limites e das suas pobreza. É na fé que elas devem redescobrir que são à imagem do Filho do Homem, e do seu grupo restrito de discípulos que tinham as suas fragilidades; portanto, eles estabeleceram os fundamentos da Igreja, que recebeu a promessa da fidelidade de Cristo Bom Pastor.

A pobreza do número, dos meios e das capacidades deve convidar a apoiar-se verdadeiramente sobre o Senhor. A Igreja sabe que é vulnerável, mas os sinais da graça aparecem no dinamismo apostólico, do qual vós sois testemunhas e pelo qual damos graças a Cristo, que não abandona o seu rebanho, mas o guia mediante o Espírito Santo.

Que o encontro com o Bispo de Roma vos fortaleça no vosso ministério! Levai a minha saudação

afetuosa e os meus encorajamentos aos sacerdotes diocesanos, aos diáconos, aos religiosos e às religiosas, aos leigos que se empenham nos conselhos pastorais e nos grupos de animação ou nas funções de orientação pastoral, ao conjunto dos fiéis, a fim de que progridam nas suas diversas missões de baptizados, na unidade orgânica da Igreja, Corpo de Cristo.

Invoco sobre todos vós e sobre as vossas comunidades diocesanas a intercessão materna de Nossa Senhora e a graça das Bênçãos divinas.